Prefácio

De 08 a 10 de julho de 2015 organizamos o V Colóquio Internacional “Visões da Antiguidade Clássica”, dedicado à poesia augustana (*Augustan Poetry: New Trends and Revaluations*), em São Paulo, a fim de discutir novas abordagens e reavaliar as antigas, reunindo nomes que são referência no estudo de Horácio, Ovídio, Propércio e Virgílio, das mais diversas universidades. Do evento resultou este livro por cujas contribuições esperamos que os estudos sobre poesia augustana possam se renovar e aumentar (*augere*). A imagem augusta do *princeps*, perpetuada por mais de dois mil anos, com sua *grauitas*, eternamente jovem, continuará ainda, queiramos ou não, a se fazer presente, ano a ano, sob o nome do mês que o celebra: agosto. Reunidos por ele, um deus na terra, os poetas aqui discutidos, que o eternizam, também se perpetuam (*non omnis moriar*), crescendo e renovando-se (*crescam recens*), pelas novas abordagens, pelo cuidadoso trabalho filológico e pelas discussões proporcionadas pelos autores (*auctores*) deste livro que vem assim organizado em três grandes partes:

I – **Elegia**, com contribuições sobre Propércio, Ovídio e métrica;

II – **Lírica, iambo e sátira**, com contribuições sobre Horácio e sua recepção;

III – **Épica**, com contribuições sobre Virgílio, Ovídio e recepção.

Na parte elegíaca, apresentam-se cinco estudos. PAOLO FEDELI e GIANPIERO ROSATI tratam da Roma de Augusto: o primeiro, concentrando-se inicialmente nos três primeiros livros elegíacos de Propércio, mostra a ambivalência dos lugares descritos pelo poeta, ora os teatros, pórticos e o Foro são lugares das aventuras eróticas, ora os mesmos locais assumem conotação negativa, quando o poeta deve aceitar a traição de Cíntia ou duros períodos de abstinência sexual. Parece, porém, haver grande mudança no quarto livro elegíaco, quando o poeta celebra Augusto como artífice da renovação das construções romanas, elogiando os novos tempos e as restaurações. Por fim, mostra, em contraste, como a mesma cidade augustana é descrita na obra de Ovídio, enfatizando a Roma perdida para o poeta exilado. Rosati, por sua vez, partindo da célebre comparação ovidiana entre o Palatino e o céu (*met.* 1.173-6), mostra que, se o céu é como Roma, Roma também é como o céu. Daí, neste processo de assimilação, pelo qual o Olimpo é romanizado, Júpiter se torna o *princeps*, assim como Augusto é, em particular na obra do exílio, um deus na terra. Em seguida, mostra como a construção ovidiana torna-se um *topos* da poesia encomiástica do período imperial com Estácio e Marcial, no louvor a Domiciano, e antecipa o lugar cristão da cidade divina, elaborada por Agostinho no *De civitate dei*. PAULO MARTINS, em estudo de Propércio 2.7, investiga as relações entre as construções poéticas do elegíaco e aspectos históricos da sociedade romana do período. Assim, por exemplo, nas descrições de Mecenas, Augusto e do próprio poeta misturam-se características históricas e convenções genéricas. Além disso, os eventos históricos ou leis, independentemente de terem existido ou não, são descritos nos versos com base em discursos morais e políticos da época. Daí, passa a analisar o estatuto do “rumor” e como é usado retoricamente na poesia. ANDREAS MICHALOPOULOS volta a atenção para as *Heroides* de Ovídio, em particular para as epístolas de Acôncio e Cidipe (20-21). Em comparação com a única fonte disponível da história, os *Aetia* de Calímaco (3, frs. 67-75 Pf.), estuda os termos para

o fruto usados pelo poeta (*malum*, *pomum* e *fetus*). O autor não só investiga a identificação do fruto – se se trata de maçã ou marmelo –, mas também procura mostrar que os termos não são mera variação poética; antes, não há arbitrariedade ou acaso, mas um jogo cuidadoso, a cada vez, com a etimologia poética dos termos. JOÃO BATISTA TOLEDO PRADO discute, levando em consideração modernas teorias linguísticas, a métrica da poesia latina, com particular atenção ao dístico elegíaco. Para ilustrar a discussão teórica inicial, o autor passa a fazer análise métrica detalhada de Tibulo (1.10.1-10).

Na parte lírica, iambo e sátira, reúnem-se seis estudos. STEPHEN HARRISON e LYA SERIGNOLLI, em diferentes odes de Horácio, estudam a figura de Baco: o primeiro, ao analisar *Odes* 2.19, procura mostrar, lançando mão de outros trechos dos *carmina* (3.3.9-16 e 3.25, por exemplo) e da poesia augustana, como o deus representa Augusto. Chama atenção ainda para a nomeação da divindade como *Liber*, associado à ideia de *libertas*, aspecto importante no contexto da batalha de Ácio, caracterizando assim Antônio e Cleópatra como figuras tirânicas. Além dos aspectos políticos, por fim, estuda os poéticos, pois o poeta vê Baco a ensinar canções (*carmina*). Daí, traz para discussão passagens das *Bacas* de Eurípides, mostrando o enriquecimento genérico produzido por Horácio na composição dessa ode, em que se misturam política e poética. O segundo texto que se concentra sobre a figura de Baco, de modo semelhante, estuda também as relações políticas entre o deus e Augusto, mas agora com especial atenção em *Odes* 3.25. Ademais, procura mostrar como, por meio de Baco, há identificação entre Horácio e Augusto. Os seguidores do deus, o poeta e o *princeps* têm um futuro promissor e serão imortalizados. De Baco a Mercúrio, ALEXANDRE PINHEIRO HASEGAWA busca, primeiramente, descrever uma ‘poética da fraqueza’ nas obras de Horácio Flaco. Daí, o poeta que se descreve como imbele, não guerreiro, será identificado com o imbele Páris, pelo estudo e comparação das *Odes* 1.6 e 1.15. Em seguida, à luz dessa relação, o autor propõe

leitura de *Odes* 2.7, em que Horácio/Páris é retirado da batalha, em clara imitação homérica, por Mercúrio, que será associado a Augusto, pela leitura das *Odes* 1.2 e 1.10. BÉNÉDICTE DELIGNON estuda o papel da recepção do público romano sobre a composição de *Sátiras*, *Epodos* e *Odes*. A autora propõe, por exemplo, que Horácio apresenta a seu público a sátira, não como gênero de polêmicas políticas, mas da *libertas*. Dado o contexto político, Horácio, segundo a estudiosa, sabia que a prática desse gênero era problemática. Daí, isso teria forçado Horácio à realização de sátira menos polêmica e aparentemente apolítica, pensando nas reservas da audiência em relação ao modelo luciliano. Por fim, concentrando-se nas odes eróticas, defende que o poeta inventou uma lírica erótica romana, transformando o canto da paixão em exortação ao casamento. ANDREA CUCCHIARELLI, por sua vez, reavalia a célebre interpretação alegórica que Quintiliano faz (8.6.44-47) de *Odes* 1.14 em que se vê identidade entre a nau e a *respublica*. A leitura foi retomada continuamente pelos comentários modernos que, por vezes, chegam a desvalorizar o poema horaciano em relação ao modelo alcaico, adotando ponto de vista romântico, ou a propor outra alegoria (erótica) para a nau. Antes de tratar de duas outras naus augustanas, nas epopeias de Virgílio e Ovídio, o autor ainda discute a palavra *malo* no v.10 da ode, propondo a lição (*salò*), em confronto com outras passagens, seja de Horácio, seja de outros poetas. ÉRICO NOGUEIRA, por fim, estuda como poetas, em alemão, português e inglês, tentaram reproduzir, cada qual à sua maneira, e seguindo estratégias diversas, os metros líricos de Horácio em suas línguas, tal como o poeta latino reproduziu os metros gregos em latim, orgulhando-se de ter sido o primeiro a fazer isso (*Odes* 3.30.13-14).

Na parte épica, KIRK FREUDENBURG, retomando o modelo iliádico, estuda, primeiramente, a raiva na *Eneida* de Virgílio, em particular aquela de Juno contra os troianos. Em seguida, passa a analisar o primeiro símile na epopeia latina, o do “estadista piedoso” (1.142-56). Tal como Netuno, em seu carro, põe fim à

tempestade, assim o estadista piedoso governa com suas palavras as paixões. Assim, o autor lembra da imagem platônica no *Fedro*, em que a alma humana é comparada a um carro puxado por dois cavalos. Ora, se a violenta tempestade representa o estado apaixonado da raivosa Juno, tal como uma vingativa Medeia, o carro conduzido por Netuno é imagem da alma (romana) controlada pelo estadista piedoso. ANDREW FELDHERR, estudando os temas órficos no epos de Ovídio, retoma inicialmente o Orfeu das *Geórgicas* de Virgílio entendido como representante da poética virgiliana a fim de discutir a personagem no livro 10 das *Metamorfoses* de Ovídio. O autor discute, então, as transformações genéricas por que passa a personagem, do elegíaco ao épico/didático, já trabalhadas por Virgílio e retrabalhadas por Ovídio. Essa voz órfica presente nas *Metamorfoses*, que recupera não só o modelo virgiliano, traz no próprio nome do poeta, *Orpheus*, posto no início do relato (10.3: *Orphea nequiquam uoce uocatur*), a marca da oralidade, passando ao onomatopeico lamento (*heu*) e concluindo com a letra da serpente, que, por fim, silencia a voz e o canto. Assim, Ovídio não poderia terminar essa narrativa (11.66) de outra forma senão com o nome desse *auctor*, dessa autoridade poética: Orfeu. Ainda nas *Metamorfoses*, mas agora voltando-se para as lágrimas (*lacrimae, fletus*) de Tereu, sem deixar de observar também Procne e Filomela, JESSICA WESTERHOLD, estuda o *pathos* do luto, da dor (*dolor*), no episódio do livro 6. Segundo a autora, no início do relato, Tereu forja lágrimas, construídas retoricamente na ausência da emoção. No entanto, a personagem passa não só por uma transformação física, em pássaro, mas também por uma metamorfose emocional no fim da narrativa. FERNANDO GORAB LEME, justamente no limite do volume, desenvolve estudo sobre a recepção das *Metamorfoses* de Ovídio na obra de Prudêncio, analisando como o poeta cristão imita o augustano, ressignificando diversas passagens em novo contexto.

Esperamos que os leitores encontrem deleite e utilidade nos textos aqui reunidos, que, com abordagens variadas, procuram reavaliar leituras já consagradas e propor novos caminhos para o estudo dos poetas augustanos. Que, então, eles continuem a renascer, sempre novos, em possíveis textos derivados dessa coletânea!

Os editores